

A Antropologia nativa de um ‘provinciano incurável’. Câmara Cascudo e os estudos da cultura no Rio Grande do Norte.¹

Julie A. Cavignac, NCCEN-DAN/UFRN

Luiz Antônio de Oliveira, CMRV/UFPI

Nilton Xavier Bezerra, CEI/Natal

Nasci na rua das Virgens e o padre João Maria batizou-me no Bom Jesus das Dores, Campina da Ribeira, capela sem torre mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer. Criei-me olhando o Potengi, o Monte, os mangues da Aldeia Velha onde vivera, menino como eu, Felipe Camarão. Havia corujas de papel no céu da tarde e passarinhos nas árvores adultas (...).

Nunca pensei em deixar a minha terra.(...)

Provinciano incurável! Nada mais.

Luís da Câmara Cascudo, *A Província*, 1968

Resumo

No final da década de 1920, aquele que se tornará um folclorista de renome internacional, é iniciado no trabalho de campo pelo amigo Mário de Andrade, em sua incursão etnográfica pelo Rio Grande do Norte. Tendo acompanhado os debates, nos anos de 1930, ligados a implementação de uma etnografia sistemática no Brasil, o “Mestre Cascudo” sofreu notada influência do poeta modernista em sua obra antes voltada prioritariamente para a história e a literatura. Tal influência se fez notar também em sua trajetória profissional: a partir de 1936, Cascudo escreve artigos na *Revista do Arquivo Etnográfico* dirigida pelo folclorista paulista e, em 1941, cria a *Sociedade Brasileira de Folclore* em Natal. Quando professor da Universidade, nos anos de 1960, participa da fundação do *Instituto de Antropologia*, órgão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, hoje Museu Câmara Cascudo. Em sua formação inicial, destacavam-se duas linhas de pesquisa, a de “Etnografia Geral” dirigida por Câmara Cascudo e devotada às “áreas de cultura” do RN, e a de “Antropologia Física”, traduzida nos estudos arqueológicos dos sambaquis potiguares. Se, no Rio Grande do Norte, a metodologia da pesquisa folclórica desenvolvida por Mário de Andrade não foi aplicada, no entanto, constatamos que a institucionalização da Antropologia

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

está ligada ao nome de Luís da Câmara Cascudo. Sem querer analisar as obras folclóricas do Mestre, investigaremos como o “provinciano incurável” desenvolveu, antes da hora, uma antropologia nativa, mandando os seus ilustres admiradores “baixarem em outro terreiro”.

Palavras-chave: Câmara Cascudo; antropologia no RN; folclore e etnografia

Introdução

Refletir a respeito da história da antropologia no Rio Grande do Norte significa, em certa medida, retrazar, ainda que de forma breve, importantes contornos da trajetória intelectual de Luís da Câmara Cascudo. Nesse percurso, o final da década de 1920 – período de agitações e significativas transformações político-econômicas e intelectuais – marca, de forma indelével, o pensamento do mais renomado estudioso potiguar do *folk-lore*. É a partir desse momento que, instado por Mário de Andrade, Cascudo inicia sua maior incursão etnográfica nos estudos de folclore, lançando os alicerces do que se poderia chamar, ulteriormente, de uma antropologia nativa². Tal antropologia, praticada por um “provinciano incurável”, teria, certamente, algumas particularidades ligadas ao perfil intelectual de seu fundador. Desse modo, ao mesmo tempo orientada por perspectivas teóricas que remontam aos pensadores do final do século XIX e influenciada pelas inquietações e questionamentos regionalistas e modernistas de seu tempo, a proposta de uma antropologia cascudiana apresenta-se de forma complexa e multifacetada.

Não obstante o valor indubitável de seus escritos históricos e literários é a obra mais caracteristicamente etnográfica de Cascudo, surgida a partir da década de 1930, que lhe confere maior notoriedade intelectual em círculos acadêmicos nacionais e internacionais. Com efeito, é com a realização de um exaustivo inventário dos fatos de folclore nacionais e das “áreas de cultura” do estado que seu nome será inscrito, definitivamente, no rol da *intelligentsia* local e nacional, legando o seu reconhecimento além das fronteiras potiguares e brasileiras. Ao lado de outros intelectuais nordestinos que podem ser considerados, com justiça, fundadores de uma antropologia na região ou da região – como Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre –, o “Mestre Cascudo”, como era tratado pelos amigos e intelectualidade potiguar, estabeleceu, localmente, uma forte tradição de estudos folclóricos. Provinciano incurável, nos dizeres de Afrânio Peixoto, Câmara Cascudo fincou raízes no Rio Grande do Norte, personalizando acentuadamente a sua obra.

² José Reginaldo Santos Gonçalves (2004), apresentando algumas categorias culinárias presentes nos textos de Câmara Cascudo, utilizou o termo para referir-se ao aspecto provinciano da sua obra, entendido como marca principal da identidade existencial e intelectual do folclorista potiguar, reconhecendo nos seus escritos a experimentação característica de um etnógrafo nativo.

No entanto, carecendo de uma clara proposta teórico-metodológica a ser seguida por discípulos, os estudos folk-etnográficos de Cascudo parecem distanciar-se de modelos científicos rígidos vigentes no mundo universitário de sua época. Ao contrário de Sílvia Romero, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre que, cada um a seu tempo e modo, construíram “gerações e descendências”³ de alcance nacional, Cascudo manteve-se em certo isolamento, recusando-se a construir teorias gerais. Mesmo o modelo metodológico de pesquisa folclórica proposto por Mário de Andrade nos anos de 1930, com quem trocou fecunda correspondência por duas décadas, não foi seguido pelo autor do *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Ao invés de tais formalismos, Cascudo preferiu construir a sua obra “numa prosa solta”, desenvolvendo um método próprio de pesquisa, baseado na familiaridade anônima das conversas informais tecidas no cotidiano. Assim, conferiu particularidades expressivas a sua antropologia, “nativizando” as reflexões a partir de suas experiências de província.

Então, ao mesmo tempo em que funda uma tradição particular de estudos folclóricos na região, Cascudo constrói a sua própria marginalidade acadêmica. O não reconhecimento nos círculos universitários brasileiros como um cientista social no sentido estrito do termo, contraposto a sua participação em prestigiadas sociedades internacionais de folclore e pesquisa, como a *Folk-lore society* de Londres, a *Sociedade de Folclore da Irlanda* ou mesmo a *Société des Américanistes*, refletem, de maneira inequívoca, importantes aspectos, tanto do seu personalismo intelectual, quanto do contexto histórico que marca o nascimento das ciências sociais no Brasil. Dedicando-se ao estudo “do material economicamente inútil” representado pelos diversos modos de expressão da cultura do povo, objeto tido como irrelevante pelos “cientistas sociais sérios e responsáveis” de seu momento, Cascudo e sua posição pessoal na vida intelectual brasileira expressam o lugar marginal dos estudos de folclore nos meios acadêmicos nacionais (GONÇALVES, 2004). Desse modo, ao posicionar-se à margem do mundo científico-universitário, exemplifica como as pesquisas folclóricas “tradicionais” não encontraram lugar na estrutura institucional “moderna” das Universidades.⁴

Alimentada pela reflexão de folcloristas, como Sílvia Romero, Gustavo Barroso, Amadeu Amaral, Edison Carneiro e Renato Almeida, além do diálogo com os modernistas de São Paulo, como Mário de Andrade e Menotti del Picchia, a idéia de uma antropologia praticada – embora não formulada e conscientemente proposta – por Câmara Cascudo está ligada à consideração do folclore e da etnografia como marcas principais de seu pensamento.

³ Expressão usada por Mariza Peirano (2000) para referenciar, a partir da implantação dos primeiros programas de pós-graduação em antropologia nas universidades federais, o momento de reprodução social dos antropólogos no Brasil na década de 1960, traduzindo a idéia de *tradição de saber* proposta por Antônio Cândido em “Formação da Literatura Brasileira”.

⁴ A respeito de sugestivas reflexões sobre o movimento folclórico no contexto de consolidação das ciências sociais no Brasil, ver os estudos de VILHENA (1996, 1997) e CAVALCANTI; VILHENA (1990).

Atento observador de diferentes manifestações culturais do povo, da literatura oral aos gestos, ele pode ser tido ainda como precursor de uma antropologia histórica ao etnografar, “com grande erudição”, a vida nos engenhos coloniais, velhos costumes sertanejos, lendas e mitologias populares, certas “nobiliarquias” do sertão etc. Em várias de suas obras, então, emerge a figura de um etnógrafo autodidata que, segundo o fotógrafo potiguar Carlos Lyra, “da província projetou-se no mundo”.⁵

Por fim, semelhante às obras de outros intelectuais de província ou regionais (VILHENA, 1996), os estudos etnográfico-folclóricos de Cascudo, caracterizados por uma espécie de “experimentação nativa”, apresentam a sua profunda identificação com a “cultura tradicional” local. Esse aspecto, ligado ao diletantismo presente nos estudos de folclore no Brasil já denunciado por Amadeu Amaral e retomado nas críticas de Florestan Fernandes à pretensão científica do conhecimento folclórico (CAVALCANTI; VILHENA, 1990, p.86), marca a trajetória pessoal e intelectual de Câmara Cascudo. Desse modo, na consideração do lugar ocupado por sua obra no pensamento social brasileiro, ele é classificado, na maioria das vezes, apenas como um escritor folclorista. No entanto, acreditamos que a proposta de uma antropologia cascudiana se desenvolve no contexto em que os “intelectuais de província”, promovendo diálogos entre o folclore, a sociologia e a antropologia, como os debates metodológicos acerca dos aportes etnográficos para a pesquisa folclórica, construíram um campo de conhecimentos e forma de abordagem pluridisciplinares.

Formação etnográfica: os estudos do *folk-lore*

A década de 1920, época em que se inicia a carreira intelectual de Câmara Cascudo, é marcada, na história do pensamento social brasileiro, por importantes debates a respeito da problemática nacional. Nesse momento são gestadas tradições intelectuais que irão exercer notada influência na obra daquele que mais tarde será consagrado, nacional e internacionalmente, como um dos principais nomes no estudo do folclore brasileiro. O modernismo paulista, representado pela marcante presença de Mário de Andrade na vida e obra de Cascudo, e o movimento regionalista, proposto por Gilberto Freyre em Pernambuco, são dois exemplos dessas *tradições de saber* que ajudaram a formar uma antropologia cascudiana. Nesta ainda se faz notar a presença das preocupações folcloristas que caracterizaram os escritos dos teóricos nacionais da segunda metade do século XIX, como aquela que teria Sílvio Romero ao escrever “o primeiro documentário da literatura oral brasileira” (CASCUDO, 1985, p.17).

⁵ Relato presente no programa *Depoimento TV Cultura – Cascudo*, da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, produzido em 1978.

Podemos dizer, então, que a obra de Luís da Câmara Cascudo pertence à cena intelectual brasileira do final do século XIX até os anos 1940, período em que se destacam os trabalhos de Gilberto Freyre (1900-1987), Arthur Ramos (1903-1949), José Rodrigues de Carvalho (1867-1935), Euclides da Cunha (1866-1909), Ascenso Ferreira (1895-1965), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Villa Lobos (1887-1959), Guimarães Rosa (1908-1967), Josué de Castro (1908-1973) e, sobretudo, Mário de Andrade (1893-1945), precursor das pesquisas etnográficas no Brasil. Nestes e em outros autores do período o problema da nacionalidade era buscado, fundamentalmente, em certas tradições locais e expressões culturais populares. É imbuído de vários dos questionamentos levantados pelos pensadores nacionais e estrangeiros do período que Cascudo inicia a construção de sua extensa obra folclórico-etnográfica. A dedicação aos estudos do *folk-lore*, iniciados nesse momento e que marcará de modo principal a sua obra a partir da década de 40, fará surgir “um monumento” a etnografia brasileira e nordestina (ANDRADE, 1997, p.150).

Leitor de diversos autores estrangeiros classicamente dedicados aos estudos do folclore, como Stith Thompson, Archer Taylor, Ralph Boggs, Arnold Van Gennep, André Varagnac, Teófilo Braga, Ermano Stradelli, Saint Yves, dentre outros, Cascudo recebe, logo na fase inicial de sua formação intelectual, grande influência dos incentivos de Henrique Castriciano e Mário de Andrade, além dos estudos de Sílvia Romero, Gustavo Barroso, Renato Almeida, Monteiro Lobato etc. Assim, o “folclorismo” a que adere logo nos primeiros anos de sua carreira, está ligado ao papel que esses intelectuais desempenharam no despertar de sua atenção para as tradições, conhecimentos e crenças do povo expressos nas lendas, canções e costumes. Henrique Castriciano, por exemplo, o poeta potiguar que o iniciou no “exercício da pesquisa letrada”, nos dizeres de Cascudo “homem que viajara, lera e vivera”, ensinando-lhe a acreditar “na perpetuidade da sabedoria popular, anterior e básica aos dogmas da Ciência importante”, foi o responsável, juntamente com seu irmão Eloy de Souza, pela divulgação nos salões de Natal dos “cantadores sertanejos, consagrando Fabião das Queimadas, ex-escravo, tocador de rabeca e entoador fanhoso do ‘Redondo Sinhá!’” (CASCUDO, 1965, p.29-30).

Nesse momento de sua carreira destaca-se a amizade com Mário de Andrade, iniciada nos primeiros anos da década de 1920 durando até a morte do escritor paulista. Na troca de correspondências, parcialmente publicadas apenas em 1991⁶, Mário e Cascudo realizaram um valioso intercâmbio de idéias, evidenciando, simultaneamente, o legado

⁶ A publicação das cartas de Mário de Andrade a Cascudo só foi autorizada após a morte do folclorista-etnógrafo potiguar que, em vida, teria expresso esse desejo. Coube a seu discípulo Veríssimo de Melo a organização e anotação da correspondência para a publicação. As cartas de Cascudo endereçadas a Mário, por sua vez, guardadas por mais de cinquenta anos no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, encontram-se ainda em vias de publicação. Sobre o assunto, ver BYINGTON (2000).

andradiano para a antropologia de Cascudo e os claros indícios da contribuição etnográfica do mestre potiguar na obra de Mário. Tal relação espitolar, segundo Veríssimo de Melo (1991, p.16) “comprova amplamente o que já prevíamos em várias oportunidades, mesmo antes de conhecê-la: a influência decisiva que ela exerceu na orientação dos estudos folclóricos de Luís da Câmara Cascudo”. Seu discípulo norte-rio-grandense avança ainda a tese do modernismo nos escritos e pensamento cascudiano, tema ao qual voltaremos quando abordarmos demais influências intelectuais presentes em sua formação etnográfico-folclórica.

Vale registrar ainda, no que se refere a importância de Mário de Andrade na orientação intelectual de Cascudo, a sua viagem feita ao Rio Grande do Norte ainda no final da década de 1920. Em dezembro de 1928, chega de trem em Natal Mário de Andrade que, juntamente com Cascudo e Antonio Bento de Araújo Lima – crítico de arte e agitador cultural de tradicional família do agreste potiguar –, irá percorrer mais de mil quilômetros em cinco dias pelos sertões e outras regiões do estado. Sendo apresentado tanto à “sociedade natalense” – donos de engenho, ricos comerciantes, homens políticos, jornalistas etc. –, quanto aos cantadores, mestres de boi, grupos de caboclinhos, entre outros, Mário seguiu um intensa agenda de visitas. Nesse desbravamento etnográfico do interior do Rio Grande do Norte, passou pelas salinas de Macau, pelo Vale do Assu, Serra de Martins e, na região do Seridó, Campo Grande, Caraúbas e Umarizal, além do agreste do estado com a visita às ruínas da capela do Cunhaú no município de Canguaretama e ao engenho Bom Jardim de propriedade da família de Antonio Bento em Goianinha.

Ora maravilhado pelas suas descobertas, ora irritado, por exemplo, pela vida provinciana da capital potiguar, o escritor paulista descobre em sua viagem ao Nordeste um Brasil “verdadeiro”, registrado em suas crônicas publicadas no jornal paulista Diário Nacional entre dezembro de 1928 e março de 1929, na série “O turista aprendiz”. A expressão, que dá título ao livro póstumo organizado por Telê Porto Ancona Lopes, publicado em 1976, teria sido criada por Mário com o objetivo de evocar as “memórias de um anteviajante”, “estabelecendo uma subjetividade que sofre e sente” (CAVALCANTI, 2004, p.62). Desse modo, o conjunto de crônicas de viagem, concebidas por “uma sensibilidade” *à la Tristes Tropiques*, que reúne sob o mesmo título dois projetos distintos, embora interligados⁷, traz a descrição não apenas das diferentes manifestações folclóricas observadas, mas também o encantamento de Mário pelos cocos cantados por Chico Antônio, ritmados “na pancada do ganzá”.

⁷ O primeiro diz respeito ao registro estético-etnográfico da viagem realizada ao Norte do país em 1927 e o segundo a coleta e estudo planejados “em estreito contato com Câmara Cascudo” entre 1928 e 1929 com vistas a sua publicação no Diário Nacional (CAVALCANTI, 2004, p.63).

Para Cascudo, essa viagem de “redescoberta” das tradições populares potiguares, ciceroneando o “folclorista modernista” na busca e coleta de dados etnográficos, isto é, no “assuntar (...) cocos e bumbas-meu-boi...” (ANDRADE, 1991, p.77), representa uma reaproximação com certas manifestações culturais praticadas e celebradas pelo povo, distanciadas pelo labor intelectual do historiador, crítico literário, jornalista, memorialista etc. O claro intento de posicionar-se frente ao mundo intelectual de então o fez dedicar-se, inicialmente, aos estudos literários, históricos e “nobiliárquicos”, secundarizando o que Mário de Andrade chamou, em carta escrita em 1937, “a riqueza folclórica aí passando na rua a qualquer hora” (ANDRADE, 1991, p.149)⁸. Assim, tecendo duras críticas aos primeiros ensaios de Cascudo⁹, o folclorista-etnógrafo paulista exerce notada influência em sua orientação intelectual, despertando o seu interesse pela descrição da realidade em que vive. É desse modo que, ao “redescobrir” sua própria cultura, Cascudo passará, cada vez mais, a retratar a vida do povo em sua obra. A constante presença de Mário no pensamento de Cascudo, representada pelas correspondências trocadas de 1924 a 1944, pela “iniciação” etnográfica do folclorista potiguar na pesquisa de campo ou pela participação de Cascudo no debate etnográfico instaurado no Brasil na década de 1930, demonstra o papel desempenhado pelo autor de *Macunaíma* numa orientação decisiva para a antropologia cascudiana.

A partir de 1936, ano de criação da *Sociedade de Etnografia e Folclore* em São Paulo por iniciativa de Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura da capital paulista, o mestre potiguar inicia a publicação de artigos na seção da *Revista do Arquivo Municipal* intitulada *Arquivo Etnográfico*. Fundada para representar o Brasil no Congresso Internacional de Folclore de Paris de 1937, tal sociedade, surgida a partir da contribuição de Diná Lévi-Strauss ao ministrar um Curso de Etnografia com vistas a preparação de folcloristas para o trabalho de campo, extinta já em 1939, assim como a proposta de criação de uma *Sociedade Demológica* em 1925 por Amadeu Amaral e Monteiro Lobato, devem ter se constituído em fontes de inspiração para Cascudo criar em 1941 a *Sociedade Brasileira de Folclore*.¹⁰ Nesse mesmo ano é fundada por Arthur Ramos no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia. A Sociedade liderada por Cascudo, com sede em sua residência em Natal, como lembra Édison Carneiro (1965, p.170-

⁸ Cascudo funda em 1936 a Academia Norte-Riograndense de Letras como exemplo de seu prestígio intelectual no estado.

⁹ Os primeiros livros de Câmara Cascudo são *Alma Patrícia*, crítica literária a respeito de poetas natalenses, publicada em 1921; *Histórias que o tempo leva*, prefaciado pelo historiador Rocha Pombo e editado por Monteiro Lobato em 1924; *Joio: crítica e literatura*, também lançado em 1924 e *Lopes do Paraguay*, obra memorialística publicada em 1927.

¹⁰ Vale lembrar que nas décadas de 40 e 50, ideologicamente marcadas por um forte discurso nacionalista, há uma preocupação recorrente na institucionalização de sociedades e aparelhos estatais de “proteção” aos estudos de folclore, como atestam a criação da Comissão Nacional de Folclore em 1947 e da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em 1958.

171), teve como grande força o intercâmbio internacional mantido pelo folclorista potiguar com pesquisadores da Europa, Estados Unidos, México, Portugal, Argentina e Uruguai.

No percurso que remonta ao início da formação intelectual de Cascudo, também assume destacada importância a sua saída da província, em 1918, para estudar medicina, primeiro em Salvador, e, logo em seguida no Rio de Janeiro, para desistir de tudo na sequência, voltar para Natal e seguir para Recife com o intuito de cursar direito na prestigiosa Faculdade de Direito pernambucana, berço da *intelligentsia* nordestina desde finais do século XIX. Desse modo, entre 1924 e 1928, período de sua formação acadêmica em Recife, Cascudo “respirou os ares” da instituição que celebrava, ainda nos anos de 1920, a figura de Sílvio Romero como polemista e aglutinador de uma geração de intelectuais que se autoproclamava revolucionária, trazendo para o cenário intelectual brasileiro “um bando de idéias novas”. Principal representante dos “homens de ciência” do final do século XIX “dispostos a adaptar as novas idéias e pensar uma saída científica para a nação”, concebida como estando ainda em formação (SCHWARCZ, 1993, p.153), Sílvio Romero e sua expressiva produção folclórica constituem-se numa importante referência na obra de Cascudo.

Precursor no estudo da “ciência social através do folclore”, forma de conhecimento considerada “apenas uma curiosidade e uma pilhéria para a inteligência da época” (CASCUDO, 1985, p.21), Romero fixa, a partir de 1870, as bases de uma nascente antropologia nordestina (ANDRADE, 1997, p.145). Em continuidade a essa perspectiva, afirmava Cascudo em 1950, prefaciando a obra de Romero, que a “matéria real e expressiva para o estudo do Social” estava situada na “normalidade popular que é expressa pelo Folclore, literatura oral e Etnografia” (CASCUDO, 1985, p.23). Acreditamos que a escolha da dimensão tradicional ou “folclórica” da cultura popular como objeto de reflexão, aspecto que caracteriza, de um modo geral, os estudos dos fundadores de uma antropologia no Nordeste, está também relacionada à situação marginal desses pensadores e suas obras num determinado momento de suas trajetórias profissionais. Assim, a ocorrência da perspectiva folclórica nas regiões periféricas do país apontaria para a formação de diferentes tradições intelectuais entre, de um lado, os “filhos” de um poder econômico e político decadente e, de outro, os “arautos” do progresso e da modernização político-cultural da nação.

Nesse sentido, ganha destaque a proposta de um movimento regional-tradicionalista vindo do Nordeste, liderado por Gilberto Freyre, que contará com o apoio de Câmara Cascudo. A realização do Primeiro Congresso de Regionalistas do Nordeste em Recife no ano de 1926 contou com a participação do estudioso potiguar, ocasião em que o autor de *Casa Grande e Senzala* teria lido o seu famoso *Manifesto Regionalista*, exortando os intelectuais do Nordeste a saírem em defesa das tradições culturais da região. Desde 1924, Freyre presidia as

reuniões do Centro Regionalista do Recife onde eram discutidas novas formas de pensar o país, buscando por em evidência o papel da região como elemento constitutivo da nação. Além disso, o Nordeste, segundo o grupo de regionalistas, estaria perdendo a consciência de seus valores históricos e de sua importância para o Brasil dada a crescente influência dos valores de um industrialismo difundidos a partir do Sudeste (GOUVEIA, 1983; OLIVEN, 1986)¹¹. Identificado com essa proposta, Cascudo, apesar de sua postura independente em relação a diferentes escolas sociológicas ou antropológicas de sua época, como aquela criada por Gilberto Freyre inspirada no culturalismo boasiano, alinha-se na defesa de um tradicionalismo regionalista como expressão de nacionalidade.

Sendo assim, surgido em meados dos anos 20, o Movimento Regionalista, ao levantar a bandeira da conservação dos valores regionais e tradicionais do Nordeste, posicionava-se, em alguns aspectos, de modo contrário ao Modernismo oriundo de São Paulo. O Movimento Modernista paulista, por sua vez, enfatizando a elaboração de uma cultura nacional como forma de atualização artístico-cultural do Brasil, assume, ao menos em sua fase inicial, postura contrária ao do regionalismo. No entanto, em comunhão na busca de expressões artísticas e culturais autenticamente brasileiras, o regionalismo freyriano e a ala modernista liderada por Mário de Andrade, sobretudo após 1924, encontram na cultura do povo exemplos dessa autenticidade, traduzindo o popular como nacional. Evidenciando uma constante na história do pensamento social brasileiro, a equação entre nacional e popular, encontrada desde “o tempo das manifestações” (CANDIDO, 1959) dos fundadores das ciências sociais no Brasil, caracteriza de forma marcante a antropologia cascudiana.

Como vimos, Cascudo considera Sílvia Romero, ao buscar “na cultura popular os elementos que em princípio constituiriam o homem brasileiro” (ORTIZ, 2006, p.127), o fundador da tradição dos estudos folclóricos, inaugurando uma série de investigações sobre o caráter nacional¹². Preocupação ainda presente nos escritos de Gilberto Freyre, a procura de tal caráter nas expressões culturais tradicionais do povo, reflexo de uma ideologia nacionalista recorrente entre a nossa intelectualidade desde finais do século XIX, encontraria eco nos estudos de redefinição ou redescoberta nacional surgidos a partir dos anos de 1930¹³. Pensando a identidade de um estado que vivenciava, já a partir da década de 20, um acelerado

¹¹ Freyre acredita que o fim da sociedade patriarcal açucareira, célula original da civilização brasileira, deu início ao processo de desequilíbrio entre as regiões do país, potencializando a degradação sócio-ecológica do Nordeste (ALBUQUERQUE Jr., 1999, p.98-99).

¹² Além de Sílvia Romero, podem ser considerados como representantes dessa perspectiva os estudos de Alberto Torres, Oliveira Vianna, Afonso Celso, Manuel Bonfim, Paulo Prado, Cassiano Ricardo e Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros. Para uma periodização dos estudos sobre o caráter nacional, ver LEITE (1983).

¹³ Datam desse período importantes interpretações acerca do país, como aquela sugerida por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, publicado em 1936; Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil do Contemporâneo*, publicado em 1942 e, dentre outros, Gilberto Freyre com *Nordeste*, em 1937, e *Interpretação do Brasil*, em 1947.

processo de modernização, alguns estudiosos do período também encontraram na cultura popular as expressões privilegiadas da nacionalidade. Situado no interior desse debate a respeito do nacional-popular, Cascudo inicia, nesse momento, a sua produção folclórico-etnográfica, se tomarmos como exemplo a publicação, em 1934, de *Viajando o Sertão*, crônica de uma longa viagem de 1.307 Km empreendida pelo sertão do Rio Grande do Norte, e *Vaqueiros e Cantadores*, publicada em 1939, descrevendo importantes aspectos dos costumes sertanejos.

Na observação do processo de formação da antropologia cascudiana, destaca-se ainda o estreito diálogo entre o mestre do folclore potiguar e os criadores do movimento modernista em São Paulo. Divulgador das idéias do modernismo no Rio Grande do Norte, Cascudo estabelece, no final dos anos 20, a ponte entre artistas potiguares e o movimento paulista. É por seu intermédio, por exemplo, que Jorge Fernandes, um dos principais representantes da estética modernista na poesia potiguar, trava contato com Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Aproximando os escritores potiguares, como Otoniel Menezes, Luiz Torres, Joaquim Wanderley, além do próprio Jorge Fernandes, do movimento paulista de vanguarda literária, por meio de suas relações epistolares, Cascudo termina por alinhar-se também esteticamente a ele. Desse modo, na troca de correspondências com os principais representantes do movimento, como Mário de Andrade e Menotti del Picchia, o “Mestre Cascudo” acompanha os debates a respeito da atualização artístico-cultural no Brasil da época. Um dos principais discípulos do mestre potiguar do folclore, Veríssimo de Melo (1989), aposta nessa idéia, chamando a atenção para o caráter modernista dos seus estudos folclóricos.

Vale lembrar, a esse respeito, que o modernismo brasileiro, segundo sugestões de Santiago (1997, p.125-7), não se afasta do discurso da tradição, uma vez que a preocupação histórica no modernismo, visando “a valorização do nacional em política e do primitivismo em arte”, se dá dentro “do quadro de novidade e originalidade que eles procuravam”. Assim, o interesse folclórico e etnográfico de Mário de Andrade pelas manifestações da cultura popular tradicional reflete a preocupação dos modernistas com as expressões artístico-culturais autênticas de uma identidade cultural brasileira.¹⁴ Surgem, então, os projetos “conservacionistas” na década de 30, ligados ao Ministério da Educação e Saúde, tendo Mário de Andrade à frente. Ele propõe, em 1936, um projeto de preservação do Patrimônio Artístico Nacional – destacando o que ele chamava de “arte popular” – que servirá de base para a

¹⁴ Lembra-nos Albuquerque Jr. (1999, p.105) que Oswald de Andrade, em *A Utopia Antropofágica*, entrando numa “contradição com seu cosmopolitismo cultural, praticamente reproduz o enunciado dos tradicionalistas nordestinos de que o Nordeste era a única área do país em que ‘a máquina capitalista ainda não picotou a renda, o crivo, o pano de costa, o que tínhamos de sagrado em autenticidade e beleza’”.

criação, no ano seguinte, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) pelo ministro Gustavo Capanema. Em sua proposta, o Patrimônio Artístico Nacional, agrupado em oito categorias (artes arqueológica, ameríndia, popular, histórica, erudita nacional, erudita estrangeira, aplicadas nacionais e aplicadas estrangeiras), transcendia o conceito material “de pedra e cal”, tratando, sobretudo, dos fatos de folclore, objetos principais de seu interesse etnográfico.

Além disso, a preocupação com o desenvolvimento de uma metodologia da pesquisa folclórica levou Mário a se especializar na questão, culminando com a criação da *Missão folclórica* no Nordeste em 1938, expedição científica realizada por uma equipe de pesquisadores treinados que percorre vários estados da região – evitando o Rio Grande do Norte, já “desbravado” pelo próprio Mário no final da década de 20. Realizando “estudos de cartografia folclórica”, o precursor da antropologia das expressões culturais no Brasil sistematiza a coleta etnográfica de objetos e o registro de manifestações culturais populares. Para tanto, conta com recursos técnicos de ponta para época, associando às entrevistas, o uso de fotografias e gravações audiovisuais. Entre 1935 e 1938, a *Sociedade de Etnografia e Folclore*, como vimos, conta com a colaboração de pesquisadores franceses, como Claude Lévi-Strauss e sua então esposa Diná que secretariou a sociedade organizada por Mário entre 1937 e 1938¹⁵. Na época, Lévi-Strauss publica vários artigos na *Revista do Arquivo Municipal* e no *Boletim da SEF*, órgãos oficiais do Departamento de Cultura de São Paulo, então dirigido por Mário de Andrade¹⁶.

Assim, observamos que a coleta etnográfica e o registro das manifestações culturais surgidos no período estavam integrados a um projeto político mais amplo cuja proposta principal era encontrar os elementos da identidade nacional. Podemos dizer então que, graças aos esforços de Mário de Andrade, o folclore brasileiro, a partir da década de 30, torna-se objeto de investigações sistemáticas, não obstante o caráter tangencial do interesse acadêmico sobre o tema. Câmara Cascudo, por sua vez, ao definir o folclore como uma “ciência do povo”, de certo modo, retoma e adapta o ambicioso projeto do seu amigo escritor. No entanto, criador de uma antropologia nativa e amante de literatura, Cascudo, em seus estudos sobre as expressões culturais do povo, mesclava dados armazenados na sua memória com uma erudição de historiador clássico, produzindo uma obra extensa e original tornada referência nos estudos nacionais de folclore.

¹⁵ Faziam parte da *Missão francesa* em São Paulo na década de 30, momento de fundação da USP, Roger Bastide, Fernand Braudel, Paul Arbousse-Bastide e Pierre Monbeig.

¹⁶ Mario de Andrade organizou ainda o I Congresso da Língua Nacional Cantada; foi diretor do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, em 1938; foi diretor do Instituto do Livro, em 1939, e sócio fundador da Sociedade dos Escritores Brasileiros.

Mas, Cascudo não seguiu à risca as sugestões metodológicas dos “estudos de cartografia folclórica” propostos por Mário, preferindo recorrer a um método próprio, elaborado a partir da familiaridade com seus sujeitos de pesquisa - geralmente não citados -, fundada na introspecção, na “convivência” e nas relações tecidas no cotidiano (NEVES, 2000). Nesse sentido, os estudos folclóricos de Cascudo parecem estar mais próximos do modelo clássico de pesquisa etnográfica de campo proposto na antropologia, uma vez que baseado na convivência e observação atenta dos costumes e tradições locais. No entanto, as experimentações nativas do etnógrafo provinciano, identificando-o profundamente com o universo pesquisado, fazem com que ele escreva não “sobre a”, mas “a partir da” própria cultura popular, observando os costumes tradicionais do Brasil do ponto de vista de suas experiências de província (GONÇALVES, 2004). Assim, descrevendo a realidade local e retratando a vida do povo, Cascudo construía a sua antropologia nativa no momento em que se esboçavam experiências pioneiras de uma etnografia sistemática no Brasil.

Observamos ainda que o iniciador de Cascudo na pesquisa de campo, conforme indicações de Cavalcanti (2004, p.63), era um autodidata nos assuntos de folclore e antropologia, ocupando um espaço exterior ao “do iniciante mundo acadêmico das ciências sociais que, entre as décadas de 1930 e 1940, desenhava-se com frouxas fronteiras em São Paulo”. Sabemos que é nesse período que são implantados os primeiros cursos superiores na área no sudeste do país, num contexto de fronteiras ainda porosas entre a sociologia, a antropologia e o folclore. No Nordeste, é apenas na década de 50 que se inicia a institucionalização das ciências sociais com a criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais por Gilberto Freyre, momento ainda de franca expansão dos estudos de folclore na região. Cascudo publica, no período, as principais de suas obras folclóricas, como o prestigiado *Dicionário do Folclore Brasileiro* em 1954, *Anúbis e outros ensaios* e *Meleagro*, ambos de 1951, *Cinco Livros do Povo* em 1953, *Literatura Oral* em 1952, *Jangada* em 1957, *Rede de Dormir* em 1959, dentre outros. É criada também, no final da década de 50, a Universidade no Rio Grande do Norte, local em que irá se institucionalizar, a partir dos anos de 1960, os estudos de etnografia e folclore, então identificados com a antropologia.

Importante personagem do período, Cascudo participa ativamente do processo de institucionalização da antropologia na academia, embora a Universidade não representasse, para ele, o campo principal no desenvolvimento de seus estudos sobre a cultura do povo. No entanto, é com a criação desse ambiente – no momento ainda intelectualmente ligado a antigas instituições culturais que abrigavam a *intelligentsia* local, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – que serão empreendidas as primeiras experiências

sistemáticas de pesquisas etnográficas de campo no estado. Assim, com a criação do Instituto de Antropologia no começo da década de 1960 são iniciados os trabalhos de “cartografia cultural”, contribuindo, decisivamente, para o alargamento dos conhecimentos etnográfico-folclóricos na região. Estes, aliás, como veremos, constituíam, originalmente, a principal linha de pesquisa do Instituto, mudando, gradativamente, para pesquisas nos sítios paleo-arqueológicos existentes no interior do estado.

Considerações finais

Agitador cultural da cena intelectual local em constante contato com estudiosos brasileiros e estrangeiros, Cascudo constrói, por meio de seus estudos folclórico-etnográficos – e também históricos –, uma antropologia nativa, caracterizada não apenas pela *provincianidade* de suas observações e experimentações, mas por uma “sensibilidade romântica” e “grande erudição” associadas à capacidade etnográfica de um pesquisador nativo. Com uma produção bibliográfica que ultrapassa os 160 livros, além de textos inéditos, o estudioso potiguar nos lega uma importante contribuição para as pesquisas sobre as diferentes expressões culturais do povo, nacionalizadas como símbolos tradicionais da identidade cultural brasileira, buscada nos momentos iniciais de nossa formação nacional. Informado por perspectivas teóricas como o evolucionismo e o difusionismo, Cascudo empreende os seus estudos numa situação de marginalidade acadêmica, reflexo da situação das pesquisas folclóricas no Brasil desde a fundação das Ciências Sociais nas Universidades do país. Numa trajetória intelectual que o aproxima dos pensadores do final do século XIX, como Sílvio Romero e Tobias Barreto, assume o papel de um intelectual de província que será influenciado ainda pelos debates do seu tempo, a exemplo do papel desempenhado pelas preocupações modernistas e regionalistas em seu pensamento, por intermédio, sobretudo, de Mário de Andrade e Gilberto Freyre.

Com algumas andanças pelo sertão e brevíssimas visitas ao exterior, como aquela feita a África que lhe teria rendido pelo menos dois livros – *História da Alimentação no Brasil* e *Made in África* – o Cascudo etnógrafo possui uma condição *sui generis*: é um pesquisador ligado à terra não disposto a grandes aventuras etnográficas. Tal condição, além do “jeito anticientífico” de alguns de seus estudos – via de regra, dado pela ausência de informações sobre como foram colhidos os dados –, já teria incomodado o amigo Mário de Andrade que, na famosa carta escrita em 1937, chama a sua atenção para a importância de descer da rede em que “passa o tempo inteiro lendo até dormir” e escrever estudos “caídos das bocas e dos hábitos” buscados “na casa, no mucambo, no antro, na festança, na plantação, no

cais, no boteco do povo” (ANDRADE, 1991, p.149-150). Desse modo, exortando Cascudo a abandonar o seu “ânimo aristocrático”, Mário parece ter despertado seu o interesse etnográfico, uma vez que o mestre potiguar publica, dois anos mais tarde, *Vaqueiros e Cantadores*, um dos seus primeiros estudos de folclore.

O contato estabelecido com os pesquisadores nacionais e estrangeiros do folclore e da etnografia também são fundamentais para compreendermos o processo de construção da antropologia cascudiana. É por meio da correspondência trocada com esses estudiosos que Cascudo não apenas participa dos debates intelectuais de sua época, mas, com o intuito de fazer comparações e reunir informações sobre determinados hábitos e costumes do povo, consegue construir uma obra monumental. Nesse sentido, acreditamos, conforme sugestões de Cunha (2004, p.296) a respeito dos arquivos etnográficos e seu duplo, os *arquivos pessoais*, que eles devem ser entendidos como construções culturais que permitem compreender, de maneira privilegiada, como se produziram certas narrativas profissionais. Assim, compreende-se como, num incansável intercâmbio “epistolar” de idéias, Cascudo produziu, por meio de uma enciclopédica capacidade de classificação e comparação, um verdadeiro monumento folclórico-etnográfico.

Mas, a antropologia nativa de Câmara Cascudo, fortemente marcada pela idéia de folclore, considerada por ele uma disciplina essencial na compreensão da “psicologia coletiva”, pertence ao universo intelectual de finais de século XIX até o primeiro quartel do seguinte. Desse modo, não encontramos dentre as suas preocupações temas como aqueles surgidos nas décadas de 60 e 70 ligados à questão das identidades diferenciais, as emergências étnicas, as recomposições sócio-culturais ligadas à migração, as resistências culturais dos grupos subalternos etc., que caracterizará os estudos das ciências sociais e antropologia no Brasil. Mesmo os chamados estudos de comunidade, marco na história do pensamento antropológico nacional, parece não ter ressoado na antropologia folclórica e nativa de Câmara Cascudo. Nesse sentido, não devemos esquecer que sua produção mais expressiva está situada nos anos de 1950, momento em que ainda se via a emergência de “grandes sínteses” sobre o Brasil, caracterizadas pela recorrente busca do caráter nacional.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. 1999. *A invenção do Nordeste e outras artes*, Recife, FJN, Ed. Massangana, São Paulo, Cortez.
- ANDRADE, Mario de. 1984. *Os Cocos*. Preparação, introdução e notas de Oneyda Alvarenga, São Paulo, Duas Cidades, Brasília, INL, Fundação Nacional Pro-Memória.
- ANDRADE, Mário de. 1991. *Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo*, Belo Horizonte, Villa Rica.
- ANDRADE, Maristela Oliveira de. 1997. *Cultura e tradição nordestina: ensaios de história cultural e intelectual*. João Pessoa: Idéia.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. 1995. *O modernismo. Anos 20 no Rio Grande do Norte*, Natal, Editora Universitária.
- AYALA, Maria Ignez Novais & AYALA, Marcos. 2000. *Cocos: alegria e devoção*, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, EDUFRN.
- BATISTA, Raimunda de Brito. 2000. Diálogo entre Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo e a cultura brasileira, unopar Cient., *Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, 1, 1: 17-21.
- BYINGTON, Silvia Ilg. 2000. *Pentimentos Modernistas. As cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio (Mestrado).
- CANDIDO, Antonio, 1959. *Formação da Literatura Brasileira*, São Paulo: Livraria Martins Editora, vol. I.
- CARNEIRO, Édison. 1965. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CASCUDO, Luís da Câmara. [1934] 1975. *Viajando o sertão*, Natal, Fundação José Augusto.
- CASCUDO, Luis da Câmara. 1939. *Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*, Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1947. *História da cidade do Natal*, Natal, Prefeitura da cidade do Natal.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1954. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1955. *História do Rio Grande do Norte*, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, Mec.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1965. *Nosso amigo Castriciano*. Natal, Imprensa Universitária.
- CASCUDO, Luis da Câmara. 1968. Um provinciano incurável. *Província*. Natal: IHGRN, nº 2, Pp. 5-6.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 1985. Introdução. In: ROMERO, Sílvia. *Cantos populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2004. Cultura popular e sensibilidade romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19, 54.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; VILHENA, Luís Rodolfo. 1990. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a Marginalização do Folclore. *Estudos Históricos*, 3(5): 75-92.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2004. A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luís da Câmara Cascudo. *Estudos Históricos*, 33
- GOUVEIA, Marielza Campos. 1983. A Antropologia no Nordeste do Brasil. *Top. Educ. UFPE*. 1(3): 285-306.
- LEITE, Dante Moreira. 1983. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 4ed., São Paulo, Pioneira

- MELO, Veríssimo de. 1989. *A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil*. Coleção Mossoroense, n.643.
- MELO, Veríssimo de. Introdução. In: ANDRADE, Mário de: 1991. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Villa Rica, p. 15-28.
- MELO, Veríssimo de. 1968. *Xarias e Canguleiros*: ensaios de folclore e antropologia aplicada. Natal: EDUFRN.
- MOTTA, Antonio. O campo da antropologia no Brasil e suas margens: a pesquisa e sua disseminação em diferentes instituições de ensino superior no Nordeste. In: Wilson Trajano Filho e Gustavo Ribeiro. (Org.). *O Campo da Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004, p. 163-188.
- NEVES, Margarida de Souza. 2000. *Roteiros para descobrir a alma do Brasil: Uma leitura de Luís da Câmara Cascudo*, Relatório parcial de pesquisa CNPq (capturado em 20/12/07), disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/cascudoparadescobrir.htm>].
- OLIVEN, Ruben George. O nacional e o regional na construção da identidade brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 2, p. 68-74, 1986. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_07.htm.
- ORTIZ, Renato. 2006. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense.
- PEIRANO, Mariza G. S. 2000. A Antropologia como Ciência Social no Brasil. *Etnográfica*, IV (2): 219-232
- PEIXOTO, Fernanda. 1998. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. *Mana*, 4, 1: 79-107.
- SANTIAGO, Silviano. 1997. Permanência do discurso da tradição no modernismo. In: BORNHEIM, Gerd et al. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, p.111-132.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras.
- VILHENA, Luís Rodolfo. 1996. Os intelectuais regionais: o folclore e o campo das ciências sociais nos anos 50, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 11 (32): 125-150.
- VILHENA, Luis Rodolfo. 1997. *Projeto e Missão*. O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getulio Vargas.